

ADEÚS, CORVETINHA!

Danilo Gomes

A fugacidade do tempo, corveta, que nos foi dado navegar juntos. O transitório dessa viagem em tua companhia (*sic transit...*), a luminosidade de teu convés crescendo a cada milha percorrida. O lento descobrir-te.

Breve nosso tempo de águas aqui claras, ali turvas, com seus fantásticos cavalos-marinhos (os hipocampos: para vitrais, camafeus, porcelanas); seus albatrozes de longos bicos amarelos; seus esplêndidos peixes-voadores (a maravilha propriamente dita, os peixes-*maravilhos*); seus ledos e lépidos golfinhos azulados.

Demais disso, o que vimos, entressonhando? As graciosas focas juniores; os Misteriosos Pássaros cantadores de laudes e matinas; as lontras, esses seres anfíbios que a Arca também acoutou sob seu pálio; as lucernas anunciadoras da ante-manhã e o próprio Fogo de Santelmo; e a Alfa de Perseu, estrela, nítida no horizonte — Mirtaka; e estrelas apenas imaginadas: em estado passional, vistas a olho desarmado; e, sobremaneira, mais que tudo, alcandoradas: as gaivotas, amadas, carismáticas, pulcras bailarinas, que gostávamos de ver voando e grasnando, a sotavento, pacificantes (celestinas), filhas do livre espaço, companheiras/ancilas dos pequenos querubins-mensageiros — a alada quintessência.

Nosso mar, *nossas* gaivotas.

E solfejavas antigas árias de marinheiros, e sonatinas, a dulce voz oscilando entre a alegria e a amareza, com um e outro *intermezzo* branco em que nos contemplávamos insonoros, insones, insontes e insulados: lúcidos. As tristanas Desesperanças. As vigílias do Talvez, do Quando e do Futuro incógnito. Eu, galeão, adernava. Adeusava-te.

E mais o que lembrar, por alegres: os galopins dos lagostins; os siris serelepes; os mariscos marotos; os peixes merlins medrosos; os aulidos dos gansos no equinócio; e sempre as gaivotas bailarinas, com seus ademanes. E era outubro.

O fim era como um naufrágio de que não se pudesse escapar. Por isso, eu, galeão, estava sempre me despedindo, silenciosamente, e adernava, a proa como envolvida sempre em nevoeiros, buscando os ancoradouros do tempo.

E mais o que hoje lembrar, corvetinha: os áulicos falcões, heráldicos, paladinos, os senhores feudais do espaço, os estatuescos, os régios, os principescos, os intimoratos: falcão, o gavião, o gostosão, o não-se-abaixa, o *bon vivant*, o elegante *Falco peregrinus*, voando, espiralando-se, peito em riste, olhos telescópicos, suserano, acima das meras gaivotas. (Mas só as gaivotas, que amávamos contemplar nos fins de tarde, se aninhavam no nosso coração sensível, como derradeiras alegrias do mundo rudo-fero).

E ainda, encantatórias, móveis, o seu tanto soturnas: as falenas, noturnas borboletas que pousavam em nossas velas, silenciosas como as Desesperanças que se exaurem no seu próprio lamentar-se sem nenhum som: as falenas, as borboletas da noite, águres do que nos será dado viver: silenciosas noturnidades, ventos frios, tempestades, brumas escondendo litorais, lembranças e lembranças.

(E se não me tiveres amado?)

Mas agora, Flor-de-Lis, é o bifurcar dos caminhos, cada um de nós com seu sextante, astrolábio, régua de Gunter, quadrante, bússola, carta de marear, compasso de azimute (são sempre perigosas e surpreendentes as veredas de terra-mar-e-

ar!) e esses cismares marinhos, de perder a conta dos dias, de fingir esquecimento: cortantes silêncios como tempestades de saraiva, e os olhos parados numa árvores, numa esquina, numa linha de horizonte, transidos de passado, impregnados de nostalgia até à íris. Falo por mim, Galeão Cinzento Chuvoso. Nem sei se me amaste, se de mim fizeste a provisão de lembranças que fiz de ti, Corvetinha Flor-de-Lis, pássara de cabeleira dourada de cometa e riso cantante como música.

Foi um nunca chegar a Porto Bello, mas o chegar a qualquer hora a Port Desire: um piscar de olhos e, num átimo, ei-lo: ao alcance da mão sem que a mão o tocasse.

Nos encontramos no mar alto, numa noite de agosto ou setembro ou numa noite de junho ou julho, quando menos esperávamos, quando os peixes-espadas simplesmente se entremostravam e simplesmente mantinha seu curso a estrelamestra que guia os navegantes. Certo te lembrás: serenidade de vazante, baixamar para calmos batéis, unvida de calmaria a superfície das águas, suspeita nenhuma de rotas cruzadas, correntes prestes a se penetrarem. Lentamente, como as conchas se formam, nos descobrimos cada vez mais próximos, afinados num mesmo fluxo, como destinados a uma mesma praia, como se um único leme nos bastasse.

E avultavam as águas: a preamar. O dito e o não-dito. As densas noites. E, em derredor, Port Desire, nítido, tangível, ao alcance da mão sem que a mão o tocasse.

“Um sol de Austerlitz”, dizias. Eu me perdia no teu riso de címbalos e completava, feliz: “Num céu de Brigadeiro”. E os peixes-voadores traçavam elipses e acenavam pacíficas baías convidativas. Calmas chalupas pranchavam. (E éramos como um homem e uma mulher com seus livros, cigarros, hai-kais, caminhadas.)

A estibordo, passava um navio chamado “Duque da Alta Lorena” ou “Aldebarã” ou “Sergipe”. E o transatlântico “Enrico C”, com sua silhueta aristocrática e salões iluminados a velas amarelas com música de Vivaldi. E as escunas gêmeas, namoradas. Imóvel, intemporal, o Cabo Blanco, na tarde afável. A distância de um tiro de mosquete, a Nau Catarineta:

vagasse, lendária, tão ibérica. E sereias solidárias, posto inúteis. Os alcíones: enlindassem os céus, mitológicos. E a Moura-Encantada, a benfazeja, sobre as ondas, sorria, acesa. Navegar, às vezes, era doce.

Depois surgiam fortes tempestades e passavam ruidosos cardumes misteriosos, hostis. As amargas oceanidades. Chuva e silêncio e distância. O sentimento da transitória travessia: agudo e inevitável. A areia na ampulheta: lentamente se escoava. "O tempo foge", rouquejava, de seu castelo de proa, o falecido Sir James Narborough, com seu cachimbo de cerejeira, quando altas madrugadas, e desaparecia nas brumas, ganindo pragas. Algas verdes, maléficas, subreptícias, intentavam destroçar-nos.

* * *

E navegávamos. A agridoce viagem, o limitado *mare nostrum*. De tangível, só Port Desire, miragem: bastasse-nos. (No futuro, talvez, o Porto da Misericórdia de Deus, onde os naufragos se encontram.)

(Um dia, na Ilha de Juan Ferdinandez, um vento nordeste secará meus olhos e trará, para distrair-me da minha solidão, um par de flamingos de um branco nunca suspeitado, serenos como aquários, como desejos satisfeitos).

Evitamos maremotos e outros abalos de navegação. Nos equilibramos sobre nossos próprios destinos, a despeito do sal e da maresia. Remando a barlavento, a custo costeamos e contornamos promontórios, arrecifes, o áspero Rochedo de Dundee (cemitério de desatinados). Fugimos às duras tempestades de saraiva. Exorcizamos medusas que traziam na cabeça o projeto do pânico, a minuta das loucas linhas cartográficas. No leme rebelde, o punho de ferro, retesado.

Depois voltavam dias melhores. E divisávamos: incríveis taquarrilhas-do-mar; o marinheiro que procurava a Rosa Azul, a alquímica cercúlea (como se pudesse encontrá-la sem ter amado nunca): amasse!, lhe segredamos.

Uma tarde as Musas vieram visitar-nos. Declinaram-se, donairosas: Clio, Euterpe, Tália, Melpômene, Terpsícore,

Érato, Urânia, e, por fim, Calíope, a “voz bela”, a mais sapiente, Réis das águas, as flutuantes vestes, olímpicas, translúcidas, áticas. Riram e choraram e prometeram voltar sazonalmente: aprofundaram em nós as farpelas da Gaia Ciência. E vieram as ninfas do mar — as oceânicas —, os cabelos soltos, coroados de flores, rescendendo a nardo. E as sempre gárrulas nereidas, nas cabeleiras as pérolas, montadas no dorso de velozes delfins, aos redemoinhos. E Tétis passeava sobre as águas, no seu carro de marfim — em volta, uma coorte de peixes exultantes. E era novembro, com seus sinos nos campanários da costa, seus céus plúmbeos. Assim, vinham novamente os dias do calendário sombrio. Ali, os abissos, as depressões submarinas sem luz, habitadas pelos seres da fealdade espantosa: o *Gigantactis macronema*, o *Limophryne arborifer*, o *Chiasmodium niger*. E a Fossa das Aleutas, a Fossa de Karmadec, todas as outras, labirínticas: a contrapartida das horas idílicas. Chovia nesse Mar das Tormentas. Além dos arquipélagos intransponíveis, Porto Bello quimérico. De tangível, tão-só Port Desire, ali mesmo, à flor das vagas, a um clic de dedos, a um palpebrar apenas, ao alcance das mãos sem que nossas mãos o tocassem. E era já dezembro, com seus adeuses.

* * *

(Mas teus olhos são moscatéis, Flor-de-Lis: devem sempre sorrir, são olhos de plenilúnios, de contemplar marinhas, amor, de Pancetti; te fiquem da viagem somente sortilégios e alegres oceanidades, amáveis lembranças sem dor como brincadeiras num bosque da infância.)

Eis-me: um galeão carregado de canastras de outros portos, o convés pesado e gasto. Eis-me mais: o Cinzento Chuvoso, o Taciturno Noturno, o Passional-Solitário-Que-Não-se-Emenda, o Tolo-Coração-Vulnerável.

Eis-te: uma livre, bela, alígera corveta azul e branca, envolta em brisas, sussuros, búzios, árias oceânicas, luz de sol, pérolas das ilhas. Eis-te, mais: a doce companhia, a alva Flor-de-Lis, sempiternamente.

Não te quero pensar algures açoitada, nem corbata latina, nem *bâtiment de guerre ancien, intermédiaire entre la frégate et le brick*, como te chamavam em Deauville, a rainha das praias normandas — serás sempre a doce nave, estrela dos portulanos, irmã dos peixes-borboletas e dos golfinhos.

Cada momento colhido como uma dávida: falo por mim. Ah, que tempos: as leves garças traçavam no ar as suas parábolas, entre restos de núvens; os peixes reverberavam na luz suas escamas de prata, rubi e ametista; amamos as mesmas gaiivotas, as mesmas árias de marinheiros; o mesmo sal nos amargou. Sim, densas noites de mistérios latejantes, em que nos amamos como um homem e uma mulher numa viagem pelo oceano.

* * *

Mas agora, corveta, é o fim da navegação: desígnios. Aqui se bipartem: nosso escasso caminho, nosso tempo fugaz. E neste golfo silencioso nos diremos adeus. Romperás as brumas, corvetinha, e te espera um verdadeiro sol de Austerlitz num verdadeiro céu de Brigadeiro (os nossos foram miragens, esses sonhos das areias, oásis da minha febre serôdia).

Parte, Flor-de-Lis. Sou apenas um soturno galeão que encontre numa noite de junho ou setembro, um pesado galeão cheio de fuligem, carcomido pela maresia, com suas canastras de outros portos, antigo como uma litogravura do porto de Amsterdam.

E agora começa a velejar. Te auguro noite de lua cheia, a brisa mais afagante, o vento mais favorável, o mais seguro porto e a âncora mais firme, resistente como as velhas espadas de Damasco. Além das brumas uma sólida fragata te espera — com ela partilharás o mar, e ouvirás, então, as sereias com seus plenos amavios. Logo esquecerás nossa viagem fugace, nossa rota cortada ao meio.

* * *

Leva de lembrança este cavalo-marinho grande e airoso, este golfinho azulado, este ágil peixe-voador com escamas de

prata e ouro — e esta saudade ibérica, crepuscular, que acaba matando todos os galeões, devagar, noite sobre noite, como um lento naufrágio. E te acompanharão gaiivotas, Flor-de-Lis de maio, e ninfas do mar, estrelas cadentes, partituras de claviarpa, felizes sortilégios, cardumes mágicos, palomas encantadas, andorinhas de capela.

Te verei partindo. A provisão de tuas lembranças no sótão soturno, pois eis-me uma vez mais: galeão providente, fadado a suprir carências com ecos, sombras, filigranas do Tempo-Seria. Eis-me, derradeiramente: o Galeão Secreto, afeito às melancólicas chuvas do mar, quando crepúsculos. Prometo nunca esquecer nossa viagem, estarás gravada no meus velame como um sinete onde eu estiver: no Mar do Norte, no Oceano Índico, nas Ilhas Malvinas, na costa de Madagascar, no Canal da Mancha, no porto de Singapura, nas Molucas, no Estreito de Bósforo, nos *icebergs*, às portas de Acapulco, no possível Porto da Misericórdia de Deus.

* * *

Corre, corvetinha. Te contemplarei partindo com (fingida) fortaleza, bombordo e estibordo em (difícil) equilíbrio e serenidade. Assim, sem olhar para trás, e sem tristeza alguma: teus olhos são moscatéis, devem sempre sorrir, são claros olhos monteses. Logo chegarás, ancorarás. Ainda estou aqui — cuído para que sigas em segurança: acendo sobre ti, meu amor, o farol da gávea silenciosa.

Se algum dia um pássaro do oceano ou alguma nau companheira vier me segredar que és feliz, abrigarei no coração um conforto sem preço — espécie de recompensa. E se, alhures, careceres de mão amiga, manda uma gaivota veloz, um alcíone ligeiro me chamar ou canta uma canção de antigos marinheiros com tua voz de címbalos — e logo zarparei em teu socorro.

E agora, ainda uma vez, adeus, corvetinha de agosto ou setembro, corvetinha da vida inteira, estrela dos portulanos, irmã dos peixes-borboletas e dos golfinhos, Flor-de-Lis, meu amor, sempiternamente.